

05

Quando memórias breves são enunciadas: sintaxe de afetos sutis e inesquecíveis na composição de personagens gays a partir de “As coisas” de Tobias Carvalho

When brief memories are enunciated: syntax
of subtle and unforgettable affections in the
composition of gay characters based on Tobias
Carvalho’s “As coisas”

Marcelo Santana Ferreira

Professor Associado de Psicologia Social (UFF)

Doutor em Psicologia (PUC-Rio)

E-mail: mars.ferreira@yahoo.com.br





Resumo

A partir do livro “As coisas” de Tobias Carvalho em conexão com Mikhail Bakhtin, Gilles Deleuze e Felix Guattari, além de Maurice Blanchot, Jacques Ranciere e Gabriel Giorgi, com ressonância dos estudos ensaísticos de Paul Beatriz Preciado e da filosofia de Walter Benjamin, o artigo é fruto de uma reflexão sobre escritas literárias contemporâneas que tematizam experiências sexuais dissidentes e anônimas que não sucumbem as normativas sexuais que tornam comercializáveis determinados aspectos de corpos *gays* e seus afetos. Sem deixar de lado o desejo de narrar imagens contemporâneas dos vínculos *gays* urbanos em metrópoles brasileiras acompanhando a orientação do texto literário, a analítica do artigo dialoga com a poética de Carvalho, um empreendimento estético e político de grande importância em termos da articulação de legibilidades sobre modos de existências minoritários.

Palavras chave: Memórias obsoletas; Experiência *gay* contemporânea; Literatura menor.

Abstract

From the book “As Coisas” by Tobias Carvalho in connection with Mikhail Bakhtin, Gilles Deleuze and Felix Guattari, as well as Maurice Blanchot, Jacques Ranciere and Gabriel Giorgi, with resonance from the essay studies of Paul Beatriz

Preciado and the philosophy of Walter Benjamin, the article is the result of a reflection on contemporary literary writings that thematize dissident and anonymous sexual experiences that do not succumb to sexual norms that make certain aspects of gay bodies and their affections marketable. Without leaving aside the desire to narrate contemporary images of urban gay bonds in Brazilian metropolises, following the orientation of the literary text, the article's analysis dialogues with Carvalho's poetics, an aesthetic and political undertaking of great importance in terms of the articulation of legibilities about modes of minority existences.

Key words: Obsolete memories; Contemporary gay experience; Minor Literature.

Introdução

Experimentações literárias que se nutrem de citações às experiências sexuais e de gênero minoritárias podem nos ajudar a interpretar aspectos da literatura brasileira contemporânea forjada a partir das dissidências ou não adequações às normativas de sexualidade e de gênero em conexão com a emergência de novas personagens políticas e a elaboração de arenas de discussão. Um dos aspectos mais significativos talvez digam respeito a problematização de

lugares enunciativos em diálogo com experiências dissidentes, pensados como destino mais do que como pontos originais de partida. Partimos dessa visada que, esperamos, seja devidamente apresentada no presente artigo, uma vez que desejamos tornar inteligíveis alguns esforços de enunciação de experiências sexuais dissidentes como uma espécie de disputa no próprio interior do discurso, nos enunciados que podem ser considerados como singulares e inesgotados em relação ao que se dá no mundo exterior, abrindo a possibilidade de invenção de lugares enunciativos dialógicos, tais como defendidos pelo teórico da linguagem Mikhail Bakhtin(2000), que formula uma teoria da enunciação estabelecendo uma importante crítica à busca da condição primária do autor no caso dos estudos literários, afirmando que o texto literário tem uma espessura que extravasa a expressão de um sujeito psicológico. Afirma Bakhtin (2000)

O autor de uma obra literária(...) cria um produto verbal que é um todo único (um enunciado). Porém ele a cria com enunciados heterogêneos, com enunciados do outro, a bem dizer. E até o discurso direto do autor é, conscientemente, preenchido de palavras do outro. (Bakhtin, 2000,p.343)

A remissão à experiência dissidente, na literatura, pode ser considerada como uma espécie de produção de

enunciados que se tensionam com outros enunciados, em que se juntam elementos históricos, ideológicos, desejantes, políticos, sem que nenhum prevaleça sobre o outro, como se pode depreender da leitura de Mikhail Bakhtin sobre o caráter responsivo e inesgotável dos enunciados, em sua crítica aos estudos que submetem a linguagem cotidiana ao caráter de sistema da língua (Bakhtin, 2000), definindo o caráter dialógico da linguagem e dos enunciados, uma vez que todo enunciado pressupõe enunciados anteriores e se abre para enunciações futuras. Para nós, a inesgotabilidade do enunciado pode nos lançar ao caráter vivo dos diálogos que são estabelecidos em torno da experiência *gay*, aquela que está diretamente citada no livro que submeteremos a uma análise política e estética. A voz do autor não se centraliza na vida pregressa do escritor, sendo uma imagem do próprio autor em conexão crítica com vozes anteriores e posteriores à escrita do livro, à produção de enunciados. Neste sentido, defenderemos o caráter político da estética de Tobias Carvalho como o desenho de uma sensibilidade e a invenção de um lugar enunciativo, onde quem fala não se restringe à vivência do autor, se conectando com as negociações em curso na cidade, subsidiando-se em certa imagem do mundo não apenas para replicá-lo, mas para interferir nele.

Por intermédio da literatura, podemos defender uma inconclusividade do mundo e das experiências minoritárias,

podendo, ainda, a literatura ser considerada como parte das experimentações estéticas e políticas que inscrevem e disputam sentidos no mundo, sendo que o discurso literário é um dos fragmentos da disputa, onde a fala se depara com outras falas, onde as vivências individuais estabelecem relacionalidades com outras vivências, onde parte da vida do autor e de outros indivíduos se transmuta em fonte das escritas de que podemos fazer uso, ou seja, multiplicar as referências, politizar a enunciação tal como defendido pelo pesquisador Gabriel Giorgi (2016) ao estudar distintas formas de inscrição na realidade como parte das lutas políticas contemporâneas, uma vez que se fala não apenas para si mesmo ou um conjunto de leitores previsíveis, mas se ficciona o mundo por intermédio de uma fricção com o tempo.

O livro de contos de Tobias Carvalho nos ajuda a estabelecer uma inteligibilidade sobre o presente, não apenas revelando como os *gays* definitivamente são, mas contextualizando interlocutores para que a enunciação estética se erija. É uma imagética, ou seja, uma produção ininterrupta de imagens em que estão envolvidos não apenas os sistemas de produção de inteligibilidade dominantes, mas as práticas de leitura de materiais estéticos e políticos, como os livros, que se confrontam ao determinismo e à fatalidade. O tempo histórico é uma semente que está em curso no texto literário, poder ler e ressoar as questões que

se colhem nos textos pode ser uma forma de garantir sabor às sementes que são, inicialmente, insípidas, como afirmara Walter Benjamin (2008). Para Benjamin, a interpretação e a crítica são ferramentas imprescindíveis para a defesa do sabor dos textos literários e das obras estéticas em geral, uma vez que permitem a leitura do texto à luz do tempo histórico, posicionando o leitor como um continuador da obra, conectado por intermédio de uma sensibilidade que é tanto pessoal quanto política.

No presente artigo, seguiremos a intuição benjaminiana de pensar a necessidade de uma conversão do histórico ao político, quando se procura adotar não apenas uma perspectiva de extensividade sobre textos literários – quando, como e por quem foram escritos – mas, fundamentalmente, de intensividade – incluindo que interlocuções, interrompendo que determinismos, evocando que sentido histórico – o que garante a possibilidade de uma crítica que não retira a entoação literária dos textos, mas a relança ao tempo histórico, o que se aproxima, de acordo com nossa perspectiva, de pensadores e pensadoras que adotam um registro híbrido sobre materiais estéticos sobre os quais se debruçam, seja o caso de Mikhail Bakhtin com sua teorização sobre os enunciados como elos indissociáveis em uma temporalidade mais ampla do que aquela em que eles mesmos se tornaram possíveis ou de Gabriel Giorgi, Gilles Deleuze e

Felix Guattari, além de Jacques Rancière e Paul Beatriz Preciado. A amplitude de autores e autoras não dispersou nosso interesse em nos voltarmos ao texto literário como uma espécie de elaboração que se fundamenta na polifonia, na condição plural de falantes e de diálogos estabelecidos no tempo histórico e no caráter vivo e dinâmico dos enunciados, viabilizando que defendamos a magnitude política da obra que buscaremos interpretar, sem abrir mão daquilo que a obra nos provocou, sensivelmente. Nosso propósito é, nos itens a seguir, conseguir dar conta das conexões que buscamos defender no presente parágrafo.

Neste sentido, partimos de fragmentos do texto literário em análise, mas buscando referenciar nossa análise na teoria da linguagem de Mikhail Bakhtin, principalmente em seu conceito de enunciação, na perspectiva histórica e filosófica de Walter Benjamin sobre as obras de arte, na definição da literatura como uma experimentação menor diante das pretensões universalizantes e substancialistas das grandes literaturas, como as nacionalistas, sem deixar de considerar as contribuições dos pensadores Gilles Deleuze e Felix Guattari sobre a literatura, principalmente a de Kafka, oportunidade em que os autores dialogam, implicitamente, com o conceito de enunciação de Bakhtin, por proporem a noção de agenciamento coletivo de enunciação, ou seja, de um agenciamento que transversaliza

e germina a voz do autor e das personagens, possuindo grande magnitude política.

Além dos autores citados, recorreremos ao pensamento de Paul Beatriz Preciado, que escreve em primeira pessoa sobre questões eminentemente políticas e históricas sobre as normativas de gênero e de sexualidade. Não podemos esquecer de autores como Jacques Rancière e Maurice Blanchot, que sustentaram a perspectiva de definição da literatura como uma abertura de sensibilidades heterogêneas, imiscuindo-se aos textos e às lutas em que se forjam experiências políticas. Gabriel Giorgi e Diana Klinger são dois estudiosos da literatura latino-americana que também forneceram subsídios para a interpretação do livro de Tobias Carvalho, que desejamos definir como um elo na multiplicidade referencial em que sensibilidades e lugares enunciativos são forjados e não, simplesmente, presumidos ou pressupostos. O livro de Carvalho nos dá uma noção breve e forte de uma escrita política, que demanda práticas de leitura amplas para desestabilizar certezas nos estudos sobre a experiência *gay*. São muitos signos em curso e alguns deles nos ajudarão a defender que a enunciação é uma prática em aberto, um destino de coletividades e subjetividades políticas resistentes. Não saímos incólume da leitura de Carvalho, pois o mesmo aponta para uma imagem do presente, ao interferir ativamente nas representações que estão em jogo sobre a experiência *gay*.

Não consideramos, de forma simplista, que as personagens de textos literários equivalham a experiências e vidas que existam integralmente fora dos textos, mas que o texto literário é, também, um documento histórico em que relampeja um conjunto de sentidos em jogo no mundo, além de ser uma composição artesanal, narrativa, de modos de existência que refletem o que se dá historicamente, mas também dão uma orientação imprevisível ao que tem sentido histórico, representando de modo não caricatural as vidas que transitam no texto literário, na mixagem de memórias pessoais do autor, histórias vividas por outros, interpelações articuladas por outros sujeitos falantes, relacionais articuladas fora do texto e na própria composição do texto. A experiência *gay* emerge no texto de Tobias Carvalho como inacabável, destino parcial da politização do desejo e da sexualidade, uma vez que a poética empreendida consolida lugares de memória para aquilo que parece ser transitório e superficial.

Dor e alegria, prazer e diálogos inconclusos estão presentes nos contos do livro em análise, estabelecendo uma composição heterogênea de escrita com uma imagem do mundo, da violência e da ternura dos vínculos sexuais, do caráter performático das identidades sexuais e da validade de uma experiência que se constitui na mistura com a cidade, na mesclagem com os espaços que garantem proteção e

anonimato, e também, com a fecundidade de espaços tramados entre corporeidades heterogêneas. Não são representações idealizadas, mas impregnadas de coisas, que são evocadas no título aparentemente genérico mas certo do livro de Tobias Carvalho. Coisas, cartas, sangue, saliva, esperma, cigarro, celular, desejo, uma ecologia precária que resguardou afetos intensos de certa experiência *gay* contemporânea. São muitas peças que sustentam os lugares enunciativos forjados nos contos do livro em destaque, complexificando o sentido de experiência¹, como algo que se configura, necessariamente, a partir do estabelecimento de um comum.

I. Lugares enunciativos dialógicos

Tobias Carvalho é um jovem escritor nascido em Porto Alegre que recebeu o Prêmio SESC Literatura em 2018 na categoria de contos por seu livro *As coisas*. Destaca-se, na publicação, a profusão de questões e temas intimamente relacionados a experiência homossexual masculina na perspectiva de narradores e personagens jovens – ou mesmo, na perspectiva de um narrador multiplicada em posições

1 Identidade e experiência são conceitos distintos e aqui, no artigo, optaremos pelo conceito de experiência, a partir da obra de Walter Benjamin, ou seja, algo que pode ser vivido por indivíduos, mas que emerge a partir da relação com histórias, instituições, materialidades e contextos históricos. Para maiores detalhes, ver BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. SP: Brasiliense, 2008.

amplas – com menos de 30 anos. Os contos têm formas híbridas, dialogando com a dispersão de tecnologias de comunicação e de escrita que se tornaram rotineiras, ao tempo em que se torna contexto de expansão disjuntiva de cenários de interpelação, remetida à multiplicação de materiais fadados ao esquecimento, como é o caso do que se escreve em redes sociais, como aplicativos de celulares voltados ao público *gay*. A expansão tecnológica favorece uma recolocação do sentido de uma experimentação literária, tal como entendido por Kiefer e Giorgi (2019) em sua tematização de escritas contemporâneas. A literatura é uma instituição obsoleta e futura (Kiefer e Giorgi, 2019, p.86), pode ser um espaço de tensionamento e reflexão sobre a espessura do tempo presente, garantindo memória ao que estava fadado ao esquecimento.

Elegeremos, inicialmente, o conto *Sauna n° 3* como a principal base de nossa argumentação, em um contexto histórico de múltiplas referências à imediaticidade de afetos e à abreviação dos elementos de uma eventual corte entre indivíduos *gays* vinculados eroticamente. Carvalho (2019) não tematiza a experiência *gay* como um todo monolítico, até mesmo por que não existe a possibilidade de se definir uma experiência com pretensões universalizantes, já que uma experiência pode ser o esforço de enunciação sobre a relação que estabelecemos com nosso próprio tempo e com

as condições políticas e sociais por intermédio das quais nosso próprio tempo – histórico – pode se tornar inteligível.

No conto citado, o narrador nos direciona a uma imersão em uma sauna em Porto Alegre em que se procuram prostitutas e onde, também, é possível encontrar outros homens. Narrador e personagem privilegiado da díade fundamental do conto perambulam durante bastante tempo na sauna, fumando e bebendo cerveja, sendo interpelados pelos “putos” e iniciando uma conversa inconclusa, ponderada pela sua própria dissolução no tempo – uma vez que é presumível que não se encontrem mais. Somos lançados a imersão, no meio de uma narrativa que parece se coadunar temporalmente com as tecnologias de comunicação contemporâneas, apresentados de forma coloquial às personagens híbridas que se constituem, na elaboração de uma perspectiva formal e estética em que desejo e memória não se excluem.

O tom coloquial, marcado por afetos coetâneos, simultaneidade de sensações díspares e composição gradual do narrador e de demais personagens, por intermédio das conjunções temporais entre corpos, pode nos garantir o reconhecimento de uma poética forjada concomitantemente a estruturação de um lugar enunciativo resistente às normas sexuais e de gênero vigentes socialmente, mesmo que atravesse princípios e imagens concernentes ao que se institucionaliza como normativa dominante. O narrador é

um jovem *gay* porto-alegrense, conectado aos aplicativos de “pegação”, subsumido temporariamente no cenário vaporoso e genital de uma sauna. A referencialidade ao escritor não pode ser a única direção da interpretação que se pode estabelecer sobre o texto literário.

eu tava falando com um cara que eu conheci no aplicativo e ele me chamou pra ir numa sauna, e eu não tinha dinheiro e ele disse não tem problema, eu pago, e passou aqui de uber e fomos, tava caindo o mundo, a gente teve que sair correndo do carro quando estacionou na frente, entramos molhados e tinha um monte de gente no balcão, uns funcionários, eles nos deram toalhas, a chave do armário e uns chinelos, a gente entrou e foi botar as coisas e tirar a roupa e nos enrolar nas toalhas, só que tinha um corredor, enorme, cheio de homens, de um lado e de outro, com as toalhas enroladas e com os paus fazendo volumes, e eles ficavam se tocando e olhando pra nós, se oferecendo, e a gente deu uma volta, foi até o fim do corredor e subiu pra tomar uma cerveja e fumar um cigarro em um terraço coberto(...)
(Carvalho, 2019, p.95-96)

São afetos múltiplos em narrativa, na deriva de uma conexão entre escritas anônimas na *internet* e a composição de uma experimentação literária. Gabriel Giorgi (2016) já havia chamado a atenção para a articulação de uma historicidade de experimentações literárias na América Latina em que inauditos espaçamentos se compõem entre

corpos na tematização dissidente da sexualidade e do gênero. Privilegiando uma espécie de protagonismo menor ou desviante em textos literários escritos por autores brasileiros, chilenos e argentinos no espectro de uma contemporaneidade polissêmica, Giorgi (2016) sugere a noção de “politização da sexualidade” (p.198) compreendida como

(...) a constituição do sexual como fato político, [que] não pode ser senão esta experimentação que nunca é redutível a uma subjetividade e “seu” corpo, mas sempre, necessariamente, invenção de novos espaços de relação, de novos modos de constituir um espaçamento entre corpos. (Giorgi, 2016, p.198-199).

A importância política da escrita literária de Carvalho (2019) não se exprime como sobrecodificação em relação ao próprio texto, mas como possibilidade de desdobramento de um dos seus sentidos, já que o lugar enunciativo do narrador sempre se compõe a partir de ontologias relacionais² (Giorgi, 2016) e a experiência do prazer incita a articulação de uma comunidade provisória e frágil, não redutível as lembranças pessoais do escritor. No conto *Unfucktheworld*

2 Para o autor Gabriel Giorgi, em seus estudos sobre literatura latino-americana, destacam-se ontologias não substancialistas de personagens, uma vez que o ser das personagens se compõe a partir das relações com outras personagens. Giorgi (2016) extrapola a discussão e defende uma concepção de subjetividade relacional, não hermeticamente remetida a si mesma, mas essencialmente constituída a partir das relações com coisas externas e outras subjetividades. Daí, a importância das relacionalidades para o estabelecimento de algum projeto de ontologia.

no livro de Carvalho (2019), por exemplo, problematiza-se a sensação de vazio e de solidão a que *gays* de diferentes idades podem estar submetidos em um mundo em que a incitação a satisfação pode tornar nebulosa qualquer outra ambiência afetiva:

No começo, tive medo de que o meu grande número de experiências sexuais ia te amedrontar. Tentei não exigir demais de ti. Nem gozamos na primeira vez, guardando a ocasião pra ser ornamentada com beijos deslumbrados. Hoje penso que a primeira vez contigo foi melhor do que outras cem em que gozei e fui acometido, logo depois, pela aversão que não nos deixa mais olhar pro lado. (Carvalho, 2019,p.83-84)

O lugar enunciativo do narrador³ – considerando que somos inspirados pela filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin, ou seja, consideramos a arquitetura dos lugares de enunciação como uma das peças que constituem o caráter vivo e inacabado dos textos e dos diálogos empreendidos dentro e para além dos textos literários – ora se colocando no interior dos acontecimentos, ora se posicionando posteriormente aos acontecimentos narrados, se forja com

3 Considerar, por exemplo, a seguinte afirmação de Bakhtin (2000): “(...) os planos do discurso das personagens e do discurso do autor podem entrecruzar-se, em outras palavras, pode estabelecer-se uma relação dialógica”(p.344). O lugar enunciativo é um elo de uma corrente verbal viva e inesgotável, favorecendo a leitura estético-política dos textos literários e podendo nutrir o que, em breve, chamaremos de enunciação como destino.

aspectos difusos e impessoais das práticas sexuais minoritárias. Morte, perda, loucura, desejo e prazer se mesclam em uma escrita que não é apenas representação do que se vive alhures, mas composição estética e política que interrompe enunciações definitivas sobre a experiência *gay*.

Citações literárias e musicais também se multiplicam nas conversas pela metrópole, lugares considerados seguros ou perigosos, como se depreende da presença de parte de uma canção de Caetano Veloso (*Beleza Pura*) em um conto que tematiza uma relação entre homens com fim pré-concebido: “Estar atrás de ti para sentir o cheiro dos teus cabelos da cor *da fina-palha-da-costa-e-que-tudo-se-trance* me dava vontade de acordar cedo e ir pra aula.” (Carvalho, 2019, p.81), bem como nas referências literárias das personagens no conto, uma lê Jorge Amado e não entende como a outra pode ler autores jovens como Julián Fuks sem ter lido ainda o autor baiano (Carvalho, 2019, p.83). Uma escrita que faz um levantamento de lembranças musicais e literárias que pontuaram parte da vida das personagens, uma prática de escrita que também rememora e se estende, mesmo que na brevidade de contos.

A tendência adaptativa das experiências minoritárias sob o jugo da administração expandida pelo agenciamento

capitalista⁴ se confronta a processos de subjetivação em que a escrita não é desvelamento de si, mas fundamentalmente, forja de si. As personagens vêm de muitos lugares, homens maduros que moram em Paris, garotos da periferia do estado, jovens de classe média da capital do Rio Grande do Sul. Sentidos negociáveis para a fabricação de uma experiência erótica de abertura e de espessura sensível. O narrador afirma, em determinado momento do conto, que

(...) eu vi um cara que já foi meu professor, fingi que não conhecia, ele também fingiu, que bom, nem sei como vi a cara dele, porque era muito vapor naquela sauna, pra todos os lados eu só via vapor, só consegui ver dois garotos de programa pelados, sem pelo, musculosos, com a pica sempre dura(...) (Carvalho, 2019, p.97)

A narrativa urbana de Carvalho (2019) se nutre do enquadramento clandestino e genital dos afetos *gays* normativos, acentuados pelas plataformas eletrônicas em que convivem imagens reiteradas do desejo cultivado

4 O agenciamento capitalista seria uma forma de colonização, por intermédio da produção e da reprodução da vida social, de tudo o que se refere ao desejo, no estabelecimento de uma axiomática que conteria a pluralidade de referências e de ressonâncias. Paradoxalmente, pensar em termos de agenciamento viabiliza uma crítica à pretensão universalizante no capitalismo. Para os problemas que investigamos aqui, é importante levar em consideração que a experiência *gay* não se adapta totalmente aos interesses vigentes do ponto de vista social e normativo e os seus desvios se dão em termos minoritários, como nas literaturas que lidam com a efervescência e resistência do desejo. Para uma exploração mais ampla do tema, ver Deleuze, Gatarri. *O anti-édipo*. SP: Editora 34, 2010.

mediaticamente, explorado como parte inalienável da reprodução capitalista. No entanto, as imagens evidentes de dicotomias presentes nas inter-relações *gays* (bichas novas/ bichas velhas, dominação branca/subalternidade mestiça) são complexificadas pela composição frenética do conto e de outros momentos do livro. A inscrição de sensações e experiências corporais intensas e parciais – “(..) vários senhores que não deviam ter para quem dar, pagando pra conseguir(...)” (Carvalho, 2019, p.97) – não minimiza o estabelecimento de uma poética da transitoriedade, que não apenas reflete uma realidade social fora do texto, mas elabora uma liminaridade, em que os malditos forjam um comum. O narrador se forja numa temporalidade⁵, ou seja, numa experiência de tempo que não é consumido como homogêneo ou vazio (Benjamin, 2008)⁶, que resulta da

- 5 Não podemos esquecer, no artigo, que o texto literário em análise não está sendo considerado como um material hermético, sem conexão com o que se passa historicamente, inclusive no que diz respeito à compulsoriedade dos encontros anônimos e furtivos no interior de experiências *gays*. O encaminhamento da personagem que é o narrador em alguns contos do livro em análise se torna possível, também, por intermédio de um uso inesperado do tempo, valorizando a brevidade e a precariedade para o estabelecimento de uma poética, que dialoga com o tempo histórico, mas faz alguma coisa diferente com ele. Estabelece-se uma narrativa literária com o que costuma ser caracterizado como frivolidade ou rapidez.
- 6 O tempo homogêneo e vazio foi objeto de problematização na historiografia de Walter Benjamin, que procura estabelecer uma perspectiva crítica em relação as historiografias dominantes do século XIX na Europa em sua teoria, fundamentalmente a partir da adoção de uma abordagem espessa do tempo, ou seja, constituída pelo entrecruzamento de temporalidades, através da rememoração e da atenção ao presente histórico. Para maiores detalhes, ver BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*: SP, Brasiliense, 2008.

tensão entre os aplicativos e o texto literário. Os signos se repetem – “(...)pau pau pau o dia todo(...)” (Carvalho, 2019, p.96) – e o tesão eletrifica os corpos. Protegidos pelo anonimato da cidade e a frivolidade dos textos de aplicativos, o narrador e a personagem Roberto se aliam em um momento inesperado do conto *Sauna* nº 3.

(...) e a gente foi pro terraço tomar cerveja, que o roberto que tava me pagando, e fumar os cigarros que eram dele também, e eu acho que nessas conversas a gente ficou amigos, descobriu um no outro um senso de deslumbramento com o que a gente tava fazendo, pegando um uber na maior chuva do ano pra ir numa sauna(...) a gente não tava confortável, mas tava se ardendo de tesão caminhando pelos corredores, conscientes mas reféns do nosso desejo(...) (Carvalho, 2019, p 98-99)

O conto ocupa algumas poucas páginas, com um único parágrafo, como se fosse uma lembrança curta e intensa. Os dados de conjunção entre as personagens se nutrem de gestos efêmeros e inesquecíveis, como um sorriso que se reitera no rosto do garoto de programa, a violência do modo como um dos garotos de programa segura a cabeça do narrador enquanto lhe chupam o pau – “(...) rasgou minha boca, na hora eu vi sangue e achei que tivesse machucado ele, mas ele que me machucou(...)” (Carvalho, 2019, p.100) – , além da visão dos corpos pelados que sustentam a evidência de que se está ali “(...) só pra fuder(...)” (Carvalho, 2019, p.100). Parecem aspectos

evidentes da violência de vínculos venais, mas também são parte constitutiva de uma imagética de corpos em tensão com tecnologias de escrita. Tobias Carvalho (2019) forja contos em que se performa uma relação com o presente. Em outro momento do livro, tematiza-se, por exemplo, a tensão com que uma personagem treina a enunciação de que é *gay* para sua mãe, com o auxílio de um terapeuta que estabelece um vínculo que parece espelhar angústias de pais e mães em relação aos seus filhos dissidentes. Diz a mãe, em determinado momento do diálogo com o terapeuta da família:

Eu criei Augusto sozinha. O pai dele foi embora quando o guri não tinha nem um ano. Me virei pra trabalhar, pra dar comida, colégio bom, e acho que ele é um guri inteligente, tenho orgulho, ele vai bem no colégio. Mas é foda, sabe. Saber que o filhinho que tu amamentou, viu nascer, olhou nos olhinhos quando era recém-nascido, meu cabeçudinho querido que amava a mãe e me chamava quando eu deixava ele na creche, chorava até a hora de eu voltar, saber que ele dá o cu.

Augusto, atordoadado, continuou sem dizer nada.

Ou come cu, disse o terapeuta. (Carvalho, 2019, p.104)

As costumeiras dicotomias das relações eróticas entre homens aparecem como base da angústia – dos outros – em torno do processo de formação dos indivíduos subalternos. O índice vulgar de masculinidade comparece na enunciação da mãe, personagem que aborda a personagem *gay* a partir

da melancolia da perda do filho idealizado, mas é em torno do cu que as imagens mais fortes são propostas, quando as relações sexuais são narradas de forma explícita e econômica, direta, sem lentidões ou muitas idealizações. A preocupação com o cu se multiplica na angústia da mãe, mas a banalidade da penetração é a parte efetiva de um conto – literalmente – sem ponto final. A exploração sistemática da conexão dos indivíduos e das populações por intermédio de tecnologias difusas de comunicação no final do século XX e no século atual encontram na privatização do ânus uma evidência de processos de sujeição, como aqueles que estão em jogo na assunção de identidades sexuais e de gênero excludentes.

A tematização política do cu na escrita literária pode ser considerada como uma contrapartida estética ao nivelamento das subjetividades. Demorar-se nos afetos malditos pode ser um antídoto à exploração contínua e *soft* das experiências dissidentes. Paul B. Preciado (2018) já havia apontado em *Testo Junkie* um importante diagnóstico das sociedades contemporâneas em relação ao avanço de tecnologias na era “farmacopornográfica”, como podemos depreender a seguir:

Testemunhamos progressivamente a miniaturização, internalização e introversão reflexiva (movimento de torção para o interior, para o espaço considerado como íntimo e privado) dos mecanismos de controle

e vigilância do regime sexopolítico disciplinador. (...) Novas tecnologias suaves de microcontrole adotam a forma do corpo que controlam, transformam-se em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele, acabando como soma-tecno-subjetividades. O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle. (Preciado, 2018, p.86)

Preciado (2018) discute o sentido não cronológico dos sistemas políticos de controle da vida social no Ocidente, sugerindo a noção de “era farmacopornográfica” como limiar histórico de incitação aos controles ínfimos que assujeitam indivíduos e coletividades. Para a discussão atual, o diagnóstico de Preciado (2018) pode nos ajudar a caracterizar o contexto em que a escrita literária de Carvalho (2019) interpõe-se ao esquecimento a que estamos fadados, ao produzirmos rastros de nossa conexão com tecnologias exploratórias do prazer e do tempo. A privatização do ânus pela era farmacopornográfica encontra um importante contraponto na experimentação literária em que identidades provisórias reclamam por outro regime de prazer. Em Carvalho (2018), encontramos importantes imagens que interpelam a exaustão midiática dos orifícios, como as seguintes:

(...) primeiro eu dei pro roberto, apesar de que tava bem mais interessado no lucas, o roberto era bem mais ou menos, pior do que parecia nas fotos do aplicativo, mas tudo bem, ele era uma pessoa legal, já o michê tinha o maior pau que eu já vi, só sentar nele já me fez quase gozar, me fez gemer que nem putinho, o roberto gozou só pelo meu gemido, e esse menino lucas, que era feio que dói, tava sorrindo o tempo todo, mas aconteceu rápido(...) (Carvalho, 2019,p.98)

A escrita literária experimental, garantindo exercício sobre intensidades corporais em que a memória não se coaduna com a culpa ou com a unidade do próprio eu retórico assumido na narrativa. Carvalho (2019) inaugura sua literatura no lastro de experimentações estéticas e políticas que não sucumbem ao tempo, mas o tornam inteligível, uma vez que viabilizam que se torne enunciável. Assumindo o sentido político de afetos e sensações que, de outra maneira, se tornariam apenas consumíveis, a escrita econômica de Carvalho (2019) não prioriza os rastros por intermédio dos quais seríamos localizáveis, mas os rastros que exprimem o sentido imediatamente político de uma dissidência sexual. Jacques Rancière (2018) apontara, em *A partilha do sensível*, a possibilidade de uma compreensão da temporalidade não-evolutiva da relação entre literatura e história, buscando suprimir o sentido das artes como veículo de uma expressão de determinada época. Considerava, no livro citado, que a literatura pode ser compreendida como uma sintomatologia

que se contrai diante de determinados gritos e ficções da cena pública (Rancière, 2018, p.49). Além disto, permite uma modalidade de “exercício” de mundos anônimos e ordinários. A incipiente – e contundente – escrita de Carvalho (2019) converge com a concepção crítica de Rancière (2018) ao supor a possibilidade de inauguração de lugares heterogêneos que resistem ao caráter inexecuível das utopias.

Com um escopo remetido ao que se considera como modernidade, Rancière (2018) defende uma conexão incommon entre estética e política, considerando a conexão entre modos de fazer e modos de existir. A escrita de Carvalho (2019) refaz uma superfície de contato entre distintos regimes de visibilidade como as mídias e as experiências anônimas e ordinárias, tocadas pelas tecnologias de comunicação.

Carvalho (2019) sugere um regime de conectividade entre existências anônimas que são vestígios de vidas imaginados por uma forma marginal de verossimilhança. O excessivo, o grotesco e o anônimo se conectam por intermédio de uma prática de escrita sobre o que é comum. Os verbos mais comuns – como pontuado anteriormente – que são utilizados nos contos de Carvalho (2019) são “fuder” e “falar”, imprimindo superfícies de contato entre a boca, o ânus e o pênis que os desterritorializam de suas funções biologicamente determinadas, buscando garantir duração aos encontros furtivos e anônimos.

No entanto, o que é comum não é simplesmente constatado, mas requerido. As experimentações do texto literário de Carvalho (2018) se forjam por intermédio de uma crítica imanente a lugares enunciativos já presumidos ou conquistados. O lugar enunciativo de um jovem *gay* que experimenta afetos intensos em espaços impessoais da cidade e em vínculos familiares tênues e possíveis sustenta a estética da transitoriedade, das memórias obsoletas que podem assumir um importante estatuto político, por serem “dizibilidades” sobre corporeidades resistentes e inacabadas, incitando novas práticas de legibilidade. No livro de Carvalho (2019) os distintos destinatários – presumidos na escrita, surgidos pelo fato de que o lemos – podem dialogar com os múltiplos lugares de enunciação. A enunciação é o destino.

II. Enunciação como destino

Poderíamos defender, a partir do que foi exposto, que as práticas exercidas no cerne do texto literário de Carvalho (2019) nos remetem ao reconhecimento da elaboração de uma estética que possui um *devir*⁷, narrado a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, como a

7 Aqui, no sentido de uma abertura temporal que sugere o inacabamento e a historicidade imanente às experimentações, que podem se encontrar e convergir em diferentes contextos, sem ter que obedecer a nenhum primado evolucionista. As categorias de que fazemos uso aqui se referem a distintas perspectivas de análise, que convergem, oportunamente, por intermédio de uma interpretação que não era presumida antes de ser articulada.

adotada por Alós (2010) ao propor uma estética *queer* no campo das escritas literárias. Para Alós (2010), a categoria *queer* em estudos literários pode contribuir para a crítica a noção de identidade substancializada e ahistórica, além de favorecer uma interpretação política do conceito de sujeito. De acordo com Alós(2010),

Uma das mais incisivas subversões alicerçadas nos estudos *queer* é a de definir a identidade não como um todo acabado, mas sim como um processo de 'fazer-se' eternamente reiterado. A identidade (e, em alguns sentidos, o próprio sujeito) é concebida como um efeito dos discursos, isto é, como 'performatividade'. Pensar o sujeito como resultante de processos performativos não implica pensar na morte da política ou na impossibilidade de intervenção no contexto social; implica, sim, uma reavaliação das noções de 'política' e de 'intervenção'. (pág.855)

O protagonismo da experiência sexual dissidente em Carvalho (2019) exprime uma relação oblíqua entre o autor e a escrita, dialogando com o sentido de “menor” atribuído por Deleuze e Guattari (2017) à tarefa ética e estética assumida em Kafka. Na leitura singular da obra de Kafka, os pensadores franceses defendem a composição de um lugar menor, que não sucumbe a consolidação de literaturas nacionalistas ou substancialistas, em termos de composição de identidade. Deleuze e Guattari (2017) definem o procedimento literário de Kafka como imediatamente

político e se voltam a elaboração de uma ontologia política da própria literatura, já que afirmam que

É a literatura que se encontra carregada positivamente (...) desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz uma solidariedade ativa malgrado o ceticismo; e se o escritor está à margem ou apartado da sua comunidade frágil, essa situação o coloca mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade. (Deleuze; Gattarri, 2017, p.37)

Ao estabelecerem uma ontologia política da literatura, os pensadores contribuem para a interpretação de esforços contemporâneos de escrita literária que não se arranjam a partir de um retorno aos atributos do próprio indivíduo como saída ética ao esvaziamento da vida em sociedade. Muito pelo contrário, ao proporem um agenciamento coletivo de enunciação – a enunciação nunca se erige a partir de fantasias ou histórias puramente pessoais e revela a composição de lugares híbridos –, permitem que nos aproximemos de alguns textos literários como experiências com o tempo histórico e com a noção de comunidade. Um indivíduo não coincide consigo mesmo, bem como a tarefa política de pensar a experiência minoritária não se encerra na construção de uma identidade final. A enunciação pode ser defendida como um destino em disputa e não uma revelação daquilo que se

é. Posicionar a escrita literária de Carvalho (2018) em um campo de composição em processo garante o reconhecimento de sua importância política e estética.

A literatura aponta a um tempo por vir, a uma comunidade por vir, já que se encontra tensionada entre a duração do que se escreveu e a proposição de uma nova forma de sensibilidade (Blanchot, 2005, p.138). Obsoleta – já que provisória e pontual – e, ainda assim, futura. Uma literatura menor, com personagens que não buscam reconhecimento ou salvação, apesar dos comentários do próprio escritor em torno do que foi escrito. Em Deleuze e Guattari (2017) se reconhece um exercício filosófico em que dicotomias como aquela entre herói e escritor não sustém o assombro com que um texto literário ainda nos demanda novas práticas de legibilidade. Uma literatura menor – embora não se trate de uma nova classificação exaustiva – interroga enunciações dominantes. A perspectiva de que não haja coincidência estrita entre autores e personagens abre uma possibilidade de uma infinda relação entre a humanidade e o mundo, ampliando indefinidamente o trabalho ético que precisamos realizar sobre nós mesmos. Abrindo-nos à heterogeneidade, deveremos, cautelosamente, compreender a inesgotabilidade do mundo. Daí, a importância central da noção de uma comunidade por vir, ou seja, da impossibilidade de que se possa definir, de uma vez por

todas, o que somos, negando viabilidade para experiências de diferimento de si e de composição de si mesmo. As memórias obsoletas em Carvalho não são memórias de derrota, mas memórias fixadas na horizontalidade das páginas de um livro, que transmuta aqueles diálogos pragmáticos e pontuais em parte do esforço de nos constituirmos como humanos, aqueles que se inventam no bojo de relacionais que são imediatamente políticas. Daí a nossa insistência em ontologias relacionais em conexão com a invenção de corporeidades.

“Corpo” aqui equivale a relação e a *entre corpos* – quer dizer, ao não individualizável, ao que resiste a toda individualização nítida. Um corpo tem lugar entre outros: o que se pensa nestas explorações são as formas e os sentidos desse *entre* que reclama outras epistemologias, que transborda a distinção entre individual e coletivo para pensar-se em termos de rede, de ontologias relacionais, de viralidade e contágio, de junturas. (Giorgio, 2016, p.225)

A mobilização de diferentes fontes teóricas no presente artigo se direciona a defesa da riqueza do texto literário de Carvalho e a tentativa de considerar o sentido político da experiência literária, tanto em sua elaboração estética quanto nas leituras que se pode empreender sobre a mesma. Ontologias relacionais são ontologias que não podem ser realizadas a partir de uma substância apartada do mundo

e dos outros. A absolutização da identidade, a definição estrita da própria experiência de si e o enclausuramento dos textos literários como uma coisa em si são elos de um mesmo modo de pensar. Consideramos, ao contrário, que a experiência dissidente possa ser lida por intermédio de práticas de inscrição – como a literatura – que precisam ser cotejadas a outras práticas, como aquelas de apresentação de si na cidade, ocultação de afetos na cidade, invenção de escapes e de possibilidades de respiro na cidade. Resguardando as diferenças entre as inspirações teóricas que acionamos aqui, buscamos trabalhar sobre o texto literário sem arrancar a sua beleza e sua singularidade. A escrita se torna uma via de acesso ao presente, nos ajudando a interrogar obviedades sobre a dissidência *gay*, estabelecendo uma espécie de regime de escrita que também nos ajuda a compreender o momento histórico em que nos encontramos.

O livro de Carvalho (2019) abriga um dos sentidos do tempo histórico no que se refere ao modo de existência de minorias – como as sexuais e de gênero. Em entrevista dada em 2020 ao repórter João Perassolo, Tobias Carvalho (2020) procurou distinguir a sua vida pessoal da vida de papel das personagens do seu livro premiado mas, ainda assim, fez considerações sobre as possíveis relações entre o texto literário e a vida, “Tem tantas coisas nas relações

entre dois homens que são diferentes da relação hetero: a questão do ciúmes, a questão do sexo, a questão da própria monogamia. Se tu é gay, tu já nasceu fora do padrão, sabe?” (Entrevista de Tobias Carvalho a João Perassolo, 2020). Procurando explicar parte do que escreveu, o escritor já fala sobre um material que nos ajuda a compreender, politicamente, a espessura de referências em que se originou a prática literária empreendida.

Não é na vida pessoal de Tobias Carvalho que encontraremos as únicas razões de sua escrita. A prática literária pressupõe uma *performance*⁸ e em que a anterioridade psicológica ou moral se retrai diante do próprio procedimento. O texto literário de Carvalho (2019) garante assento a experiências e perspectivas que não precisam ser resultado de uma visão pessoal a respeito do mundo. Não é, certamente, uma experimentação que foi inventada por Carvalho (2019) mas, a prática literária estabelece uma importante conexão

8 Performance se refere ao caráter pragmático, instaurador, por intermédio de uma estilística baseada na reiteração e no exercício de diferentes realidades ou condições. Judith Butler discute o conceito em sua teoria de gênero, em diferentes momentos de sua obra, cercando o conceito e estabelecendo uma distinção com a noção de performatividade. Para os interesses do presente artigo, baseamo-nos no livro *Problemas de gênero*, de 2008, publicado pela editora Civilização Brasileira. Para nós, a prática da escrita implica uma espécie de *performance* em que aspectos da realidade são parodiados, bem como lançados a esferas de experiência inconclusas, abrindo a perspectiva de distintos sentidos no que diz respeito ao tema das sexualidades não hegemônicas, como a experiência gay.

com perspectivas críticas sobre a literatura, como a que é proposta por Maurice Blanchot (1997) ao se interrogar sobre o caráter temporal e inacabado dos textos e personagens literários, quando defende uma interpretação sobre a distância entre escritor e texto, chegando a considerar a importância da distância que se aprofunda entre os termos, uma espécie de “*intervalo fictício*” (BLANCHOT, 1997) de onde se origina a possibilidade de se inventar uma expressão. Sobre o escritor, o pensador sugere que

É como se, quanto mais ele se afastasse dele mesmo, mais ele se tornasse presente. A narrativa ficcional coloca, no interior de quem a escreve, uma distância, um intervalo (ele próprio fictício), sem o qual ele não poderia se expressar. Essa distância deve se aprofundar mais quando o escritor participa mais da sua narrativa. (Blanchot, 1997, p.28)

Aproximar-se de si, em certa medida, garante que se esteja distante de si, na elaboração de personagens e lugares enunciativos que não coincidem com a “pessoa” do escritor, mas se abrem a conjunções futuras, se mesclam a interrogações que se darão no tempo histórico. O intervalo fictício proposto no pensamento de Blanchot nos permite pensar na escrita como procedimento, na prática enunciativa reiterada, que não deve se encerrar. Os textos literários não restituem a integridade de uma vivência biográfica,

mas citam vetores de subjetivação, exigem – e exibem – divergências e limiares entre escritores, narradores e lugares enunciativos.

A literatura se subsidia em experimentações de escrita, em extravasamento do sentido de escrita. A promissora escrita de Tobias Carvalho indica a fecundidade do sentido estético da política de subjetivação em curso na experiência sexual dissidente, uma vez que garante espaço às coisas que não são propertizáveis, ou seja, comercializáveis ou apropriáveis como algo pessoal ou individualizável, comovendo os leitores na pausa que o livro exige, como prova de validação de memórias políticas e memórias pessoais sobre conjunções corporais malditas e resistentes. Pragmática e inicial, a literatura de Carvalho nos orienta ao presente, mas viabiliza duração mais ampla a memórias supostamente obsoletas. O livro permite que outros também se juntem, na leitura, a um esforço de compreensão e de resistência ao que se encontra estabelecido. Como livro, não se define apenas a partir da conexão com *quem* o escreveu, mas com o *que* se diz numa poética atravessada pela espessura do tempo presente, viabilizada por intermédio de uma relação com signos essenciais para que nos possamos definir a partir de uma abertura temporal e de uma pausa que nos subsidia sensivelmente e politicamente.

Neste sentido, se considera que a enunciação seja um destino, no questionamento da teleologia que consideraria que o material literário é pura expressão de algo já constituído. A duplicidade de definições da enunciação encontra uma convergência: a enunciação literária é um meio por intermédio do qual vislumbramos a narratibilidade de aspectos da existência humana e, aqui, especificamente, da experiência *gay* em conexão com tecnologias de exploração e mercantilização do prazer, numa espécie de molecularização das individualidades.

No entanto, a enunciação literária, ou mesmo, a própria enunciação é um destino, ou seja, as práticas de escrita, de disputa de inscrição no real, de produção de narrativas e de memórias, de recomposição do passado, de frequência e de abandono da cidade, além de imersão no que não é transparente na cidade é destino estético e político contra o silenciamento das minorias e do desejo, das histórias coletivas e trans-individuais que dão espessura desejante ao tempo que transcorre; toda enunciação modifica o estatuto dos textos estabelecidos sobre a experiência *gay*, daí a importância de termos dialogado com diversas perspectivas teóricas, que permitem a politização das práticas de escrita, sem necessariamente idealizá-las ou moralizá-las, já que os textos literários complexificam a compreensão da experiência *gay*, tendo sentido imediatamente político,

abrindo-se à práticas e exercícios de inteligibilidade que dão espaço as resistências e aos paradoxos em jogo na articulação de uma experiência minoritária.

Daí, a convergência entre os estudiosos da literatura, a perspectiva política de Paul Preciado e de Gabriel Giorgi e a filosofia de Gilles Deleuze e Felix Guattari, além da teoria de Mikhail Bakhtin, que nomeia como “grande tempo” (Bakhtin, 2017, p.79) a possibilidade de travessia e tensão entre diálogos e sentidos supostamente esquecidos, dirigindo-se tanto a uma mobilização do passado quanto a uma elaboração do futuro e uma interpretação do presente. Não buscamos encerrar o sentido do texto literário, mas defendemos cotejá-lo com o tempo histórico, com outras vozes e questões, outras textualidades, permitindo a radicalização da espessura do tempo histórico em que as personagens forjadas e os enunciados formulados podem garantir a defesa do inacabamento dos textos, ou ainda, do inacabamento do passado e da imprevisibilidade do futuro. Os textos literários não apenas nos situam em relação a arenas políticas forjadas em torno do tema da representação de contingentes humanos, mas viabilizam o reposicionamento de sujeitos e experiências, uma vez que se encontram incluídos no tempo histórico. Os textos literários permitem a elaboração de arenas. De acordo com Klinger (2008), “(...) a ficção abre um espaço de exploração

que excede o sujeito biográfico.” (p.22). O exercício ficcional, neste sentido, inaugura uma experimentação com grande magnitude política, permitindo a analítica de estereótipos e o desdobramento crítico de posições de sujeito que se alimentam do paradoxo de um contexto histórico-político em que se coadunam o narcisismo midiático e a crítica do conceito de sujeito autocentrado ou substancial.

III. Buscando uma conclusão

O texto literário de Carvalho (2019) imiscui-se às experimentações estético-políticas em que se forjam lutas em torno da enunciação, trazendo à discussão novos regimes de inteligibilidade. Para Giorgi (2016), além disso,

(...) não há corpo que não exista em relação, não há corpo que não se constitua entre corpos, em agenciamentos coletivos, a uma só vez biopolíticos e tecnológicos. Ao assim fazerem, desmontam o que talvez seja a operação fundamental da biopolítica contemporânea: a que faz do corpo uma matéria apropriável, propertizável, privatizável, sobre a qual se estampam os sentidos da autonomia do indivíduo, e que se torna um “capital” social, econômico e potencialmente político – a norma de um “indivíduo” dono absoluto de seu corpo, da potência de “sua” vida, proprietário de sua diferença que se quer irredutível ao espaço de relação com os outros, de que necessita imunizar-se constantemente porque ameaça sua mesma instância, sua efetuação como indivíduo.(p.229)

Produzindo espaço de enunciação para relacionais malditas e potentes, escritas literárias em diálogo com experiências sexuais dissidentes ampliam o sentido da sexualidade, remetendo-a ao contexto imediatamente político em que se instituem modos de existência. O texto literário de Carvalho (2019) atravessa distintos afetos relacionados à experiência homossexual masculina, tornando imagem o que se encontra desqualificado ou mudo. Afetos extremos, desejos depauperados, projetos inconclusos. Os contos fragmentários dão relevo ao procedimento enunciativo de *Sauna* nº3. Num momento em que o narrador se refere ao destinatário – um narratário? – de uma possível carta, algumas alianças se tornam ponderáveis, um amor comezinho se desenha como potência política para existir,

Detestávamos essa inércia, a impotência frente a algo tão maior que nós. Tínhamos uma visão otimista em relação ao amor, e terminamos com mais do que quaisquer dois humanos podem sentir em comunhão: aprendemos, juntos e progressivamente, a querer distância de amar. No começo era difícil respirar debaixo d'água, mas aprendemos. Achamos bastante natural.

Foi tanta água que nossos olhos passaram a ver tudo sob outra ótica. Me apaixonei por ti, Sílvio, e percebi isso logo no dia em que tentei me matar e tu disse que não conseguiria continuar sem mim. (...) Percebi como o calor humano era bom em meio ao frio e à chuva. (Carvalho, 2019, p.87)

Os distintos lugares enunciativos dos contos do livro do autor em análise nos apresentam importantes questões formais e políticas, podendo interferir em discussões contemporâneas sobre modos de existência considerados ilegítimos. Vive-se, nos textos literários, sob o esforço de garantir que distintos afetos se refiram a uma mesma experiência. Que tudo isso possa ser escrito, lido e interpretado se comunga aos cenários políticos contemporâneos em que há uma íntima relação entre o vivível e o narrável. Permitem, os textos, que se imaginem práticas de si inconclusas. Que essas coisas virem literatura, isso só pode tornar ainda mais possível que se defenda um limiar entre a escrita e a vida. Ao inconcluso da literatura, Tobias Carvalho (2019) direciona uma espécie de esforço ficcional e performativo que recrudescer o sentido de que a enunciação possa ser um destino, nunca alcançável definitivamente, mas distinto de um inventário regular de uma biografia individualizável.

- Tu escreve, então?
- Pois é, sim.
- Que tipo de coisa?
- Ficção, mesmo.
- Contos?
- Contos.
- Massa.
- Aham.
- Massa que tu escreve.

- Valeu.
- E tem algum tema?
- Nos meus contos?
- Isso.
- Eu tenho escrito com personagens gays. (Carvalho, 2019, p.89-90)

Narradores incitados pela escrita, desdobramento do estabelecimento de lugares enunciativos, imagens ternas e despudoradas do cotidiano de dois homens, relações sexuais no decurso dos dias, experiências cômicas e surreais implantadas no cotidiano. Podemos encontrar estes mesmos elementos em diferentes textos literários. Na composição do livro de Carvalho (2019), expande-se a enunciação. Aparentados às escritas em plataformas digitais, os contos do autor extravasam as regiões de inscrição de performances usuais e se resguardam no “(...) *escuro de uma página de um livro fechado(...)*” (Carvalho, 2019, p.94). Este lugar, aparentemente neutro, interfere nas práticas de dizibilidade das experiências malditas, como as minoritárias. O livro e a literatura se tornam espaços essenciais para a interpretação das formas enunciativas que se produzem contemporaneamente a partir/por intermédio de dissidências sexuais e de gênero. Escrever “com personagens” expande os alcances interpretativos do que temos inventado como espaços comuns, servindo, ao mesmo tempo, como imagens de nosso presente e vestígios de futuro, uma vez

que se direcionam a invenção de uma possível analítica de distintos vetores dos processos de subjetivação em que vidas foram dispostas e modos de existência foram inventados.

O pequeno livro de Tobias Carvalho é uma delicada e poderosa peça do que se pode inventar, apesar de toda a mercantilização e colonização do prazer e da dissidência. Documento literário e político que nos ajuda a ler o nosso próprio presente. Efeito de inscrição de sensações malditas e de relacionalidades que tornam experiências possíveis, o livro amplia o sentido de política, ao viabilizar que personagens heterogêneas se encontrem na cidade e que todo esse material aparentemente bruto seja enunciado como coisas plausíveis, ponderáveis, desejáveis, nunca definitivamente apropriadas por uma existência excludente, mas lançadas ao mundo como sementes que ainda possuem poder germinativo.

REFERÊNCIAS

- ALÓS, Anselmo Peres. “Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*” [online] disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2010000300011/17698> Acesso em 19 março 2021.
- BAKHTIN, Mikhail. Notas sobre literatura. Cultura e ciências humanas. RJ: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. SP: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. SP: Brasiliense, 2008.
- BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo. RJ:Rocco,1997.
- BUTLER, Judith. Problemas de gênero. RJ: Civilização Brasileira, 2008.
- CARVALHO, Tobias. As Coisas.RJ:Record,2019.
- CARVALHO, Tobias. Vida gay na era da “pegação” permeia livro “As coisas” premiado pelo SESC. Entrevista a João Perassolo [online] Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/01/vida-gay-na-era-da-pegacao-permeiam-livro-as-coisas-premiado-pelo-sesc.shtml> Acesso em 19 março 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O anti-Édipo.SP; Ed.34, 2010.
- DELEUZE, Gilles.; GUATTARI. Felix. Kafka: por uma literatura menor. BH:Autêntica,2017.
- GIORGI, Gabriel. Formas comuns: animalidade, literatura, biopolítica. RJ: Rocco, 2016.
- KLINGER, Diana. “Escrita de si como performance” [online] Disponível em <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/178> Acesso em 19 março 2021.
- KIFFER. Ana; GIORGI, Gabriel. Ódios políticos e política do ódio. RJ: Bazar do tempo,2019.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. SP:n-1, 2018.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. SP: Editora 34, 2018.